

“Através da arte, procuro inspirar um futuro mais consciente e responsável, onde a memória coletiva se celebra e a criatividade se renova. Cada peça que crio é, assim, uma narrativa que toca quem as contempla, despertando a consciência para a importância da sustentabilidade e a beleza das tradições.”

Nasci em Braga, a 22 de setembro de 1980, no seio de uma família minhota.

Foi no campo, cercada por afetos e tradições, que encontrei as raízes da minha memória criativa. A minha infância é marcada por imagens e aromas que ainda hoje me habitam: o cheiro do café na chocolateira, a lareira acesa com potes de ferro e as roupas brancas a secar no estendal, exalando o perfume de sabão rosa. Recordo a avó Rosa de avental e lenço na cabeça, cujo abraço trazia o cheiro da alfazema, e a avó Josefa, de chapéu de palha e enxada na mão, perdida no verde do milho. Estas memórias sensoriais alimentam o meu universo criativo do dia a dia.

Desde cedo, as artes fizeram parte da minha vida, nomeadamente a música, contudo foi nas artes plásticas que encontrei o meu maior impulso criativo. Sou da terra do barro e o Figurado de Barcelos sempre me fascinou, mas cedo percebi que o meu caminho artístico exigia um lugar próprio. A minha entrada no artesanato não foi planeada nem teve pretensão profissional: foi a vida que, como destino, me trouxe até aqui.

A pasta de papel surgiu por acaso, em contexto universitário, e rapidamente se revelou destino. Descobri no papel, não apenas a maleabilidade para experimentar formas e narrativas, mas sobretudo a força de um gesto simbólico: reaproveitar o que já foi usado, transformar o efêmero em duradouro, converter resíduos em poesia — um material humilde e universal que carrega, em cada fibra, a promessa de renascimento.

O Figurado de Barcelos exerceu sempre sobre mim um enorme fascínio e, no início da minha atividade, mergulhei com intensidade na cultura local. As primeiras obras nasceram de uma forte inspiração nesse universo: peças de grandes dimensões, habitadas por figuras de cabeças volumosas e coloridas, marcadas pela expressividade e pela vitalidade tão característica do imaginário barcelense. Com o tempo, surgiu em mim o impulso de acrescentar pequenas personagens a essas figuras centrais, o que abriu caminho a novas composições. As obras tornaram-se

mais pequenas em escala, mas resultaram em composições mais ricas em detalhe e pormenor. Este percurso acabou por refinar o meu olhar e consolidou a minha linguagem artística. As obras tornaram-se não apenas objetos decorativos, mas cenas que permanecem no tempo, registando a vida e exaltando as nossas tradições.

As minhas criações mais recentes refletem e consolidam um diálogo entre a tradição que nos antecede e a contemporaneidade que nos desafia. Ao integrar peças de antiguidades, crio um diálogo entre a memória coletiva e a contemporaneidade, mostrando que a arte pode ser uma ponte entre o efémero e o duradouro, adicionando novas camadas de significado que cruzam valor sentimental, cultural e artístico. Cada obra é, assim, um registo carregado de emoção e de memória.

Procuro fixar cenas que permanecem no tempo, pequenas narrativas de vida capazes de tocar quem as contempla e, simultaneamente, de despertar consciência. Porque acredito que a arte não é apenas contemplação, mas também educação e sensibilização, cada criação é um convite a refletir sobre os nossos hábitos, sobre a nossa cultura, o valor dos recursos e sobre a urgência de preservar o planeta.

Desta forma, encontrei um espaço fértil de experimentação, além de uma forma sustentável de transformar materiais, unindo arte e consciência ambiental. Ao reciclar e reutilizar o papel, transformo resíduos em obras que exaltam as tradições, sensibilizando as novas gerações para a importância da preservação cultural e ambiental. Este gesto de reaproveitamento converte-se, assim, em linguagem artística, capaz de unir a memória coletiva a um futuro mais sustentável.

Através dela, uno memória e inovação, tradição e futuro, natureza e cultura. Cada peça nasce de um gesto de reutilização que se transforma em ato criativo: ao reciclar papel, transformo o descartável em matéria-prima poética, mostrando como a arte pode dar resposta às urgências ambientais do nosso tempo. Mais do que um processo artesanal, este trabalho é uma prática ecológica, que procura demonstrar as infinitas potencialidades do papel enquanto material artístico — flexível, expressivo, capaz de eternizar formas e histórias.

A minha intenção é clara: exaltar as tradições minhotas, contribuir para a sua divulgação e preservação, afirmar a pasta de papel como meio artístico contemporâneo e sustentável, e usar a arte como veículo de esperança — um espaço onde memória, criatividade e responsabilidade ambiental se encontram para inspirar o futuro.

Acredito que a arte não é apenas contemplação, mas também educação e sensibilização. Portanto, cada criação é um gesto simbólico que une memória e inovação, tradição e futuro, natureza e cultura.

O meu objetivo é inspirar um futuro responsável, onde a beleza das tradições e a consciência ambiental coexistem em harmonia. Cada obra convida quem a contempla a valorizar a arte como um meio de esperança e transformação.